

ANISIO S. TEIXEIRA

Biblioteca Machado Fc

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

*Conferencia realizada perante a
5.ª Conferencia Nacional de Educação*

OFFICINA GRAPHICA
MUNDO MEDICO
BORSOI & C.
SENADO, 277 — TELEPHONE 2-8806

SEPARATA DO
BOLETIM DE EDUCAÇÃO PUBLICA

ANNO II, NS. 3^o E 4

1932

AST 104

ANISIO S. TEIXEIRA

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

*Conferencia realizada perante a
5.^a Conferencia Nacional de Educação.*

SEPARATA DO
BOLETIM DE EDUCAÇÃO PUBLICA
ANNO II, NS. 3 E 4
1932

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Pelo Prof. ANISIO S. TEIXEIRA

Conferencia realizada perante a 5ª Conferencia Nacional de Educação.

Do thema, tão vasto, que nos foi distribuido, não poderemos tratar senão de alguns aspectos. Ensaiaremos, assim, uma apresentação da materia sob um ponto de vista geral de naturalismo philosophico moderno, encarando a educação e a sociedade como dois *processos fundamentaes* da vida, que mutuamente se influenciam e se enriquecem. E por força da limitação de tempo teremos que nos restringir a uma visão synthetica, muito summaria do assumpto, desde já pedindo aos ouvintes que não confundam a brevidade forçada de exposição com quaesquer propositos dogmaticos do conferencista, que não os tem nem pode ter. A brevidade obriga a generalizações que a muitos poderão parecer excessivamente simplistas, ou categoricas. Não ha, porém, vagar para desenvolver toda a cadeia de factos e argumentos em apoio de cada assertiva que por ventura arrisquemos.

Processos fundamentaes da vida, chamamos nós á educação e á sociedade. E intencionalmente. Porque, de facto, a nada nos podemos referir sem de logo deixar subentendida a contingencia de mobilidade, transformação e perpetuo vir-a-ser, immanente á natureza evolucionál do mundo em que vivemos.

Não existe sociedade. Existe um *processo de sociedade*. Não existe educação. Existe um *processo de educação*.

Distribuidas pelo tempo afóra, existiram, existem, existirão sociedades e educações. São objecto de estudo para historiadores. E aqui nos pediram, não a historia da educação e da sociedade, mas a sua philosophia.

Essa philosophia é apenas um esforço de vêr claro através do longo PROCESSUS de transformação indefinida, em cujo desenvolvimento os fins emmediatos se transmudam logo em meios, e os

novos fins, em meios novos, numa identidade só verbalmente contraditória, mas realmente perfeita de uns e outros.

Muitas das confusões e obscuridades do pensamento contemporâneo se explicam pela persistência com que ainda se amparam nas concepções estaticas, características de periodos já vividos de sua evolução. A sciencia moderna, com as suas revelações sobre o carácter mutavel e dinamico dos componentes mais intimos e profundos do universo, está porém concorrendo, dia a dia, para que se evidencie essa transformação de plano.

A mobilidade incessante do universo não vae, entretanto, ferir de incerteza permanente a marcha das cousas. Vae dar-lhes, isto sim, um rythmo diverso de certeza. As antigas leis scientificas não terão, talvez, a rizeza estável que lhes attribuíamos, mas nem por isso deixam de constituir uniformidades apreciaveis da natureza, que, dentro de certos limites, nos asseguram o poder de controlá-la. Se, de um lado, falta ao homem moderno aquellas velhas certezas de quatro pés, solidas e inflexíveis, em que se apoiavam a nossa ignorância e os nossos preconceitos; por outro lado, abriram-se-lhe novas possibilidades e caminhos novos para o exercicio da acção creadora, por isso mesmo que vive em um mundo onde as mudanças e, com ellas, os actos de criação são permanentes e continuos.

No universo, que é, com effeito, um vasto conjuncto de energias em acção e reacção reciprocas, continuidades mais ou menos constantes de processos asseguram largas uniformidades de *estructura*, em que repousam os quadros geraes da realidade.

Combinações e organizações de processos se podem effectivar, dotados os conjunctos de tal unidade e flexibilidade, que lhes é dado mudar e adaptar-se, e ainda conservar as características anteriores.

Os processos physico-químicos combinados no gráu elementar produzem os seres inanimados. Em gráu de maior complexidade, a combinação determina novas qualidades e novos attributos, em virtude das novas organizações. Nestas organizações — organismos, os chamamos nós — não ha nenhum mysterio ou enigma peculiar ao apparecimento daquellos novos attributos ou qualidades. Os processos de actividade característicos da phase biologica de organização da natureza não differem dos processos da phase physico-química, senão por nova *direcção* e *combinação*, que passam a ter os mesmos phenomenos.

A indiferença das reacções physico-químicas alça-se a um nivel em que apparece o esforço ou a tendência no sentido de se

manter a *organização* característica anterior. O systema conjugado de processos e forças, mantendo-se a si mesmo sempre articulado, leva-nos á phase natural em que ha vida e sensibilidade, — á phase *psycho-physica*, na designação de J. Dewey (1).

Se avançamos ainda nas possibilidades de organização de que é susceptivel a natureza, encontramos novos "organismos" (organizações), que, além das qualidades de actividade *psycho-physica*, têm actividade mental.

Não ha, comtudo, nos differentes estadios dessas ultimas organizações outro mysterio, que não o decorrente de sua maior complexidade e, por conseguinte, das difficuldades maiores de investigação.

Taes as gradações de estructura que caracterizam a propria realidade na continuidade de seus processos, desde a actividade physico-química até a actividade mental.

Nas relações entre aquelles differentes estadios, não existe nenhum problema especial, por isso que elles não são de natureza diversa, mas continuos e graduaes, representando sómente qualidades diversas de acontecimentos, dadas as condições em que se processam.

No campo physico, a realidade se transforma dentro de condições amplas, havendo relativa indiferença de resultados. A amplitude das modificações limita, porém o seu numero. No campo biologico as mesmas transformações se operam em agrupamentos organizados, havendo preferencias, esforços e persistencias em determinados sentidos. As modificações são menos amplas, porém muito mais numerosas e variadas. No campo mental todas essas forças vêm a actuar, sempre articuladas, em combinações ainda mais complexas, e, por isso mesmo, jogando com maior variedade de movimentos.

As acções e reacções de nivel mental são de natureza identica á das acções e reacções de niveis physicos ou biologicos. Conquistam, apenas, no novo nivel, além de immensas possibilidades de se combinarem de mil modos, a qualidade nova de *se conhecerem*.

As organizações vivas sentem e reagem em infinita riqueza de processos e recursos. Necessidades, esforços, satisfações, caracterizam as variadissimas formas dessa actividade. O organismo, entretanto, não *sabe* ainda que tem essa actividade. E' só no nivel mental que surge essa nova qualidade: o animal, a natureza não sómente sente e age, mas sente, age e *sabe* que sente e age.

(1) V. *Experiencé and nature* do prof. John Dewey para exposição completa da theoria aqui enunciada.

Esse novo facto transfigura a face das cousas. Agora, as forças psycho-physicas do organismo acompanham e percebem o processo de sua propria actividade. E se este processo pôde assim se examinar, os resultados podem ser previstos. E se os resultados podem ser previstos, a natureza pôde conduzir-se a si mesma. A natureza nesse nivel de organização, em que surge o facto mental, ganha, portanto, o attributo singular de poder, em certas circunstancias, concorrer para a direcção de si mesma.

O esforço da natureza para se governar outra cousa não é senão *educação*, no sentido mais amplo do termo.

Educação é, com effeito, o nome que recebe a serie de phenomenos decorrentes do apparecimento da intelligencia no universo. E intelligencia é a qualidade que assumem certas acções e reacções de se vêrem a si mesmas, acompanhando a propria historia ou processo, percebendo os seus termos e relações e se tornando, deste modo, capazes de reproduzil-os em novas combinações, para novos ou identicos resultados. As experiencias dos animaes, que eram apenas *tidas e sentidas*, podem agora ser *conhecidas*.

A experiencia, mesmo a experiencia de conhecimento não é, desta sorte, qualquer cousa externa, adicionada á natureza; mas a propria natureza em uma das suas phases de organização — a de organização mental —, quando as relações e combinações são *percebidas, vistas*, podendo ser refeitas ou reconstruidas, para melhor attingirem seus proprios fins naturaes.

Antes dessa phase as cousas são, de um modo ou de outro, conforme os accidentes ou as circunstancias. Figuremos não um exemplo. Combinações especiaes de atmosphera deflagram uma faisca electrica. O raio alcança uma arvore. A natureza está em sua phase de accidente. Na phase animal, entretanto, a natureza se retráe, foge e se protege. A natureza conquista um novo arbitrio ou uma nova liberdade, para fugir á fatalidade do accidente. Attingida a phase intellectual, a natureza não sómente se retráe, foge e se protege, mas se examina, inquire, observa, experimenta novas combinações dos seus elementos e *prevé*, fazendo surgir uma nova natureza que se subjugá, se regula a si mesma e se modifica. A manifestação de energia que attingiu a arvore agora se governa e actúa, para transformar as cousas dentro de certos propositos ou fins da propria natureza. Graças á capacidade da natureza de se examinar a si mesma, ella a si mesma se transformou.

Dir-se-á que os elementos são os mesmos. Mas são tambem os mesmos os elementos do estadio physico-chimico e os do estadio biologico; e nem por isso deixamos de dizer que ha entre os dois estadios uma differença essencial de attributos e qualidades: Não é menos — nem mais — essencial a differença entre o nivel biologico e o nivel mental.

O facto mental, o facto do conhecimento é que permittiu as transformações mais radicaes da natureza, pelas quaes vaé a pouco e pouco emergindo, do accidental e do precario, um mundo de ordem, um mundo voluntario e proposital, reconstruido e redirigido em seus proprios meios e fins, com o que desejaríamos indicar que não é a intelligencia nenhum *deus-ex-machina*, mas um *deus-in-machina*, que retoma a direcção original e combina os elementos para melhor attingil-a.

Educação é o permanente esforço de redirecção da propria natureza. E a natureza na sua grande aventura de ordem, de utilidade e de belleza, em uma permanente reconstrucção de si mesma. Educação é a natureza que se faz arte.

* * *

O phenomeno da educação data, assim, do apparecimento da intelligencia consciente sobre a terra, constituindo um longo processo, pelo qual a natureza se transforma conscientemente, para melhor attingir os seus fins ou, se quizerem, para attingil-os de modo diverso. O portador dessa intelligencia consciente é o homem e os seus meios de accção, a experiencia, em seu nivel mental.

Experiencia e natureza não são cousas distinctas. Experiencia é a phase da natureza em que esta se vê a si mesma, reflecte sobre si mesma e se transforma a si mesma.

O facto, porém, de se localizar no homem a intelligencia, commette á nova força ou modalidade da energia um character especifico e individual, que tem sido a razão permanente de um pretenso dualismo entre a natureza e o homem ou entre a natureza e a experiencia, esta ultima comprehendida apenas, restrictivamente, como um intrumento humano de analyse e conhecimento.

Não sobra aqui espaço para refutar esse dualismo em todas as suas consequencias.

Baste-nos salientar que, do individuo, a experiencia humana se projecta sobre a natureza e a readapta para os proprios fins. A intelligencia individual integra-se, em suas origens e pelos seus actos e fins, na natureza, emancipando-se do character individual.

Fixada, assim, com certas repetições necessárias, a função da intelligencia no seio da propria natureza, podemos volver aos quadros habituaes das divisões e classificações de nossa linguagem, e falar mais de perto dos problemas que nos interessam.

* * *

Sendo a educação o processo de contínua reorganização e reconstrução da experiencia, é um processo individual e pessoal, antes de ser social. Pelo menos em sua phase de plena consciencia, o caracter individual e pessoal se lhe accentua particularmente.

A educação se processa, com effeito, por meio de um acto consciente de readaptação, em que determinada experiencia, percebida em suas conexões e relações, habilitam o homem a augmentar o seu poder de governo e direcção de outras experiencias. Tal acto é eminentemente individual, em sua origem e em seu processo. Succede mesmo que o *individuo* só é verdadeiramente *individual* quando, nessa reconstrução de experiencia, obedece a methodos e planos que lhe são proprios. E sendo a educação o processo pelo qual o pensamento se effectiva e se incorpora á vida, a educação se torna tambem o processo pelo qual o homem se torna, verdadeiramente, um *individuo*. Na medida em que o homem se torna capaz de reflexão, de pensamento e, consequentemente, de reconstrução da propria experiencia, nessa medida é elle uma *individualidade*.

Dos primeiros annos aos ultimos é o homem, assim, o animal que se educa, adaptando-se e readaptando-se sem cessar, alargando, dia a dia, a sua comprehensão, tornando-se, enfim, um instrumento permanente de progresso e mudança da propria natureza.

O exercicio da intelligencia, que compete ao homem no quadro da harmonia natural, é, de tal maneira, eminentemente individual e pessoal, tão pessoal e individual, quanto a digestão dos alimentos que ingere ou a circulação do sangue que o nutre. Ninguem pôde pensar por elle, ou por elle experimentar, ou educar-se por elle. Taes processos são personalissimos, e, tudo quanto se pôde fazer é suggerir, facilitar, dirigir e corrigir.

* * *

Mas os resultados do pensamento e da experiencia — da educação — se concretizam, em instrumentos, em modelos e em fórmulas ou *conhecimentos*. E objectivam-se no ambiente — no meio social — em *instituições*, a que o homem se adapta, como se adapta ao clima e á terra, ainda e sempre por um processo de educação, isto é, de reconstrução das proprias experiencias.

Todo o mundo da linguagem, dos significados, dos conceitos, das generalizações e das technicas, que permeiam a vida civilizada, deve ser, por conseguinte, assimilado pelo homem, para que se torne capaz de viver a vida ao nivel em que a encontrou, exercendo as suas funções de animal de reflexão e de pensamento. A obra personalissima do pensamento, da educação actúa sobre o meio, enriquecendo-o com sentidos ou significados, com habitos, costumes, instituições, instrumentos, technicas, que vão constituir um outro mundo de realidades, creadas ou transformadas pela intelligencia humana.

A educação reverte-se, assim, constantemente, sobre si mesma, confirmando o seu caracter de largo, indefinido processo, cujos meios e fins se confundem, como se confundem os da natureza e da vida.

O acto pessoal do pensamento perde, então, toda a sua qualidade individual para se tornar, a essa altura, eminentemente social. Social é, de tal geito, o seu conteúdo; sociaes, os seus modelos; sociaes, os seus objectivos e resultados.

E chegamos a isto: o individuo, em educação, é a sede, permanentemente transitoria, do phenomeno educativo, que se realiza em sua pessoa; mas o phenomeno transborda logo para o ambiente sociaes, os seus objectivos e resultados.

* * *

Tudo no individuo é, com effeito, social: a sua acção, o seu pensamento ou a sua consciencia. E se assim não fosse, impossivel se tornaria a direcção do processo educativo.

Se, realmente, o individuo tivesse um pensamento, uma consciencia, uma acção e uma moral apenas individuaes, a força intellectual de que é dotado serviria, tão sómente, para condicionar o mais desordenado espectáculo de anarchia que se podesse conceber.

Muitos dirão, porém, que não vae longe disso o que succede.

E por que? Exactamente porque o individualismo de intelligencia, originario, tem sido entendido como qualquer cousa de arbitrario e absoluto, tornando-se um verdadeiro problema unir intelligencia, e propositos ou fins sociaes.

Para a solução do problema, creado por uma comprehensão parcial do phenomeno da intelligencia individual, a humanidade, oscilla entre os regimes autoritarios e os regimes de pura razão ou pura logica, ambos incapazes de assegurar uma acção externa

uniforme e correcta. E incapazes porque, seja o dogmatismo autoritário e coercitivo, seja o racionalismo logico, seja o idealismo objectivo — todos os regimens aceitam, como fundamento philosophico, o conceito de que a acção e a natureza se distinguem essencialmente da razão ou intelligencia, precisando-se de coerção para orientar a primeira ou, então, de uma milagrosa logica de intelligencia.

Com effeito, o paradoxal da actividade mental é que ella se exerce de accôrdo com os conceitos que adoptamos.

Se admittimos que a theoria da intelligencia é a da sua incapacidade para dirigir-se a si mesma, naturalmente subordinaremos á autoridade coercitiva a acção humana. Repontam, então, as rebeldias e revoltas, por isso mesmo que a theoria é compressora. Mas, aceita a these, a iniciativa humana se exerce no sentido de melhorar o systema de autoridade ou de melhorar a educação, para a conformidade desejada.

Se, pelo contrario, entendermos que a intelligencia é uma força livre, que se processa dentro de um jogo de logica subjectiva, insistiremos por uma direcção, que, por força, ha de disparar na anarchia individual.

Todas essas philosophias são, de tal sorte, não só impotentes para a direcção da intelligencia, mas prejudiciaes ao seu proprio exercicio, por isso que a desviam das suas condições reaes.

Considerada, entretanto, a intelligencia como uma função da propria natureza, veremos, a um simples golpe de vista, que ella deve agir dentro da estrutura da realidade que lhe é propria. Por mais variaveis e numerosos que sejam os seus movimentos, elles se devem conter dentro de processos naturaes e organicos, cujas condições podem ser previstas e ordenadas.

* * *

A idéa da intelligencia como uma força absolutamente livre e extranha ao jogo natural das realidades foi que levou o homem a tantos erros sobre o seu funcionamento e, até, á prevenção receiosa contra essa força — a força mental —, tão natural quanto as outras forças da natureza, fazendo-a soffrer, através dos tempos, as imposições artificiaes de autoridade ou as limitações de philosophias não menos artificiaes.

O chamado idealismo objectivo — caracteristico da philosophia germanica — era, talvez, de todos esses artificios, o que andasse mais proximo da realidade. Considerando as instituições

como encarnações da razão absoluta, tal philosophia creou um objectivo para a adhesão da intelligencia, que se affirmaria á proporção em que se identificasse com as instituições.

Com effeito, as instituições são resultados da experiencia humana, que permitem o livre desenvolvimento das tendencias e interesses do homem, podendo, por isto, ser consideradas como encarnações ou emanações, não da razão ou intelligencia absoluta, mas da razão ou intelligencia relativa e humana. A intelligencia tem, realmente, na sua adaptação ás instituições a forma normal e regular do seu desenvolvimento. E, isso presentiu Hegel e presentiu toda a philosophia germanica. Mas, o que não presentiram a philosophia germanica, em geral, nem Hegel, em particular, foi que essas instituições, sendo a emanação e producto da propria razão humana, deviam ser, naturalmente, objecto, não só da conformidade, mas tambem da critica da intelligencia, para que, de instrumentos de libertação, não se transmudassem em instrumentos de constricção e paralyzação da sua propria força renovadora.

O problema do conflicto entre a moral individual e a moral social tem sido, por taes motivos, apenas um problema mal posto.

Não ha moral individual. Ha diferentes moraes sociaes. O pensamento humano se processa pelos instrumentos de linguagem, hábitos, costumes e instituições, todos eminentemente sociaes. Ha e deve haver liberdade de exame e inquerito individual, para a progressiva mudança ou para a conservação das instituições. Liberdade de exame e inquerito não importa, porém, em criação de instituições, hábitos ou pensamentos individualistas. Porque nada disso pôde existir: O homem pensa em sociedade, para a sociedade, com instrumentos e objectos sociaes, não sendo possivel á intelligencia fugir a esse caracter social.

No jogo da liberdade de exame, com a tendencia social á conformidade, os conflictos serão tanto menos prejudiciaes e tanto mais uteis, quanto predominar, na sociedade, o desejo de experiencia e progresso: Em uma sociedade conservadora ou reaccionaria, surgem, inevitavelmente, os conflictos entre o individuo e as fórmulas dominantes do pensamento ou de moral. Em uma sociedade progressiva, as excepções e as discordancias do normal, longe de se tornarem conflictos, serão estimuladas e encorajadas como ensaios de renovação e de reforma, naturaes, contingentes.

No campo scientifico, aliás, onde o pensamento humano, graças a processos régulares de inquerito e de conhecimento, ganhou a segurança de si mesmo, o problema do desajustamento individual deixou de existir. Não sómente a conformidade com o que está provado é tranquilla e pacifica, como o inquerito individual se faz

em particulares condições de éxito, por isso mesmo que é o recurso natural para o progresso do pensamento scientifico.

Tenhamos a coragem de elaborar os mesmos ou outros processos de inquerito regular para o pensamento moral ou social, — e teremos chegado ao mesmo accordo feliz entre o individuo e a sociedade.

Como os problemas de controle social, disciplina e governo estão sempre ligados á conducta externa, o problema de liberdade se põe sempre mal: ou como um problema de ausência de constrangimento physico; como um problema de ausencia de direcção social:

Nem uma, nem outra cousa.

O problema de liberdade é, dominantemente, um problema de liberdade de inquerito e de fixação das condições em que possa existir essa liberdade, como liberdade de permittir contribuições individuaes de pensamento, de modo que a conducta de cada qual não seja imposta, mas fructo da sua propria decisão. Esta decisão se fará, porém, na maioria dos casos, no sentido da instituição social ou do costume dominante, porque desde que os processos de inquerito sejam regulares, será tão difficil innovar nesse campo, como no campo das sciencias já chamadas exactas.

Taes considerações tornam preciso e certo o caracter da educação como phenomeno social. Assim como a intelligencia, em sua acção no meio physico, soffre as limitações desse meio, sendo tão somente o instrumento da sua continua reconstrucção; do mesmo modo a intelligencia, em sua acção no meio social, soffre identicas limitações, não podendo evadir-se ao esforço de continua reorganização desse outro meio. Toda a distincção reside nos processos de raciocinio e reflexão utilizados em um e outro caso, porque se em relação ás sciencias physicas, já acceitamos, definitivamente, o methodo experimental, vacillamos ainda em acceitalo integralmente nas sciencias chamadas sociaes ou moraes.

Até aqui nos temos referido á educação como phenomeno normal da vida do homem sobre a terra e em sociedade. A educação nos appareceu como a consequencia do apparecimento da intelligencia; que, por intermedio da experiencia, reorganiza e refaz a vida, em todos os seus aspectos.

No panorama universal, o esforço prodigioso da natureza e do homem para construirem um mundo ordenado, adaptado ás suas condições e governavel, tem sido coroado de éxito não pequeno. Todas as civilizações que existiram e as que existem ahi estão fundamentando a affirmativa.

Nos ultimos cento e cincoenta ou cento e sessenta annos, graças ao methodo experimental de conhecimento, a subjugação das forças naturaes foi simplesmente maravilhosa.

O homem refez materialmente o mundo, encurtando todas as distancias e centuplicando a quantidade de energia sob o seu controle directo. Toda essa grande luta representa o esforço de educação do homem. E' pois, da natureza da educação se tornar, dia a dia, mais complexa, mais vasta, mais accumulada.

Nesse sentido, toda a humanidade é um grande laboratorio, onde se ensaiam, com maior ou menor consciencia, methodos e experiencias de reconstrucção material, social e moral.

Desde que, no immenso laboratorio, as maiores difficuldades de communicacão e de livre ensaio foram dominadas e cahiram as barreiras que restringiam a actividade humana, — o rythmo de transformacão e mudança attingiu tal velocidade, que a reconstrucção da vida se faz em condições quasi imprevisiveis. A sociedade humana quasi, repentinamente, de uma sociedade de acquisições e movimentos lentos, tão lentos, que os seus passos se contavam por seculos, transformou-se em uma sociedade febril e dinamica, que totalmente se renova, sob os olhos de uma só geração.

Antes disso o homem não cuidou, senão parcialmente, de estabelecer, ao lado do grande esforço colectivo de reconstrucção da vida, a instituição consciente de preparo dos jovens para a participação na immensa tentativa reconstutora. A escola era, nos tempos que precederam o nosso, a instituição que velava para que se não perdessem os esforços de conhecimento e de cultura, que não podiam facilmente ser transmittidos na vida directa e immediata dos homens.

Vae, porém, muito adeantada a marcha da humanidade, nas suas adaptações e readaptações successivas. A natureza se fez arte, e hoje viver é um difficil mysterio, que é preciso aprender. Mais do que isso. As mudanças são tão acceleradas que, se a distancia e a differença de rythmo entre a escola e a sociedade permanecessem as mesmas de outros tempos, ao terminarmos a nossa educação escolar, seria necessario começal-a de novo, tão longe, tão adeante já se acharia a vida...

Por tudo isso, a escola teve que deixar de ser a instituição isolada, tranquilla, do outro mundo, que era, para se impregnar

do rythmo ambiente e assumir a consciencia de suas funcções. Se depressa marcha a vida, mais depressa ha de marchar a escola.

Dentro da transformação real que se vae operando na escola, ainda não ha, entretanto, as mais das vezes, senão a consciencia de que os seus deveres antigos — de guarda e perpetuadora dos valores sociaes — só poderão ser cumpridos creando-se dentro da escola um ambiente identico ao da sociedade, onde se possam preparar as crianças para a participação em uma civilização technica e dinamica.

Mas ha transformação maior ainda a fazer.

Toda a vida do homem se faz em educação e por educação. A civilização material é educação, e educação é, outrosim, toda a vida social. Vida é, com effeito, comunicação entre os homens. E' comunicar é educar-se.

A vida é, pois, — e de accordo, aliás, com os velhos aforismos humanos, — uma grande e larga escola. Uma escola, porém, accidental, sem planos e sem previsão. Emquanto o que havia a aprender era pouco, não seria para espantar que a humanidade se contentasse com a escola que só esse pouco lhe ensinava. Nem o homem sabia ainda bastante para fazer outra cousa.

As escolas, propriamente ditas, eram casas pacificas de cultura literaria e artistica, destinadas a actuar na formação de um corpo de fieis ás tradições do estudo e saber. E os problemas de reconstrução da vida humana se debatiam na propria vida, concedendo todos um immenso credito ao fatalismo e ao accidente do progresso.

A civilização industrial e experimental, recentemente erguida, alterou todo esse quadro.

Os instinctos adormecidos dos homens, as suas aspirações e esperanças mais profundas se alvorçaram. A quédia das barreiras naturaes — com o domínio pelo homem de grandes segredos da natureza — e a quédia das barreiras intellectuaes — com a conquista de liberdades, de experimentação e ensaios — deram á illusão humana um resplendor novo e uma nova esperança.

Depois de um entusiasmo exaggerado e complacente, já agora vae bem arrefecido o calor mystico por uma immediata conquista do milennio, e já começam a se collocar na defensiva os ultimos entusiastas, de tal modo as palavras de pessimismo estão hoje na ordem do dia. Os momentos de pessimismo são, porém, como diz John Dewey, sobretudo momentos para actos de coragem mais intelligentes.

Não havia nenhum milennio a conquistar. Os homens confundiram mudança com progresso. E as confusões, as crises pro-

longadas e a incerteza de nossos dias são factos naturaes, que tão sómente deverão levar o homem a se preparar ainda mais, a reconstruir melhor, com sentido mais amplo, mais ordenado e mais rico; a sua propria vida.

Apenas, — e agora é que se accentúa a transformação fundamental porque passa a escola — apenas, urge que não entreguemos ao accidente e ao accaso o que podemos prevêr e planejar. A escola não pôde ficar no seu estagnado destino de *perpetuadora da vida social presente*. Precisa transformar-se no *instrumento consciente, intelligente do aperfeiçoamento social*.

Não nos é dado dizer de antemão o que poderá representar de correções, de ajustamentos e de regularização do processo social, o aproveitamento intelligente da escola para esse fim, seu verdadeiro fim.

A grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a machina e a sciencia estão exigindo. Até agora, temos um homem ainda antigo, excedido e subjugado pela sua propria criação. A machina, que o vem libertar, o está escravizando. O industrialismo, que lhe vem dar conforto e força, o está fazendo morrer á fome. A liberdade de julgamento pessoal e de auto-direcção o está asphyxiando, transmutada em tragico tumulto de idéas e propositos.

Retomemos a obra do principio. E' necessario que se não perca o grande esforço em uma prolongada série de erros. Não que acréditemos que o homem volte atraz. O homem vive não tanto para ser feliz, como pelo seu instincto de viver. O dia presente o occupa e o absorve, e a espectativa de amanhã é sempre, por força de sua natureza, a de um dia melhor. Mas se essa espectativa não se fôr confirmando, não será de azedume que se ha de lhe encher a vida, e sim de um pouco mais, de reflexão e de philosophia. Urge que aproveitemos esse pouco de reflexão e de philosophia. A civilização material tornou um mundo de cousas possivel e facil. O conforto pôde generalizar-se. A hygiene e a saúde podem generalizar-se. Os bens materiaes da vida podem generalizar-se. Por outro lado, o methodo experimental franqueou ás intelligencias novos recursos, para resolver os problemas mais intrincados.

A sciencia está em vespervas de resolver os problemas economicos, os problemas sociaes, e o homem pôde ser educado de modo a evitar a maior parte dos seus problemas de desajustamento moral, social.

O progresso não consiste nas mudanças materiaes que soffre a vida, mas no enriquecimento della em sentido, em amplitude, em maneiras mais finas de a apreciar e comprehender.

Esse progresso é possível por meio da educação, e só por ella, desde que nos utilizemos da escola como uma instituição intelligentemente planejada com o fim de preparar o homem para uma existencia em permanente *mudança*, da qual elle fará permanente *progresso*.

Dir-se-á que isso tem sido a escola. Não é, porém, exacto. A escola, até os dias de hoje, tem sido — as melhores dentre ellas — apenas a continuadora da vida social passada (nem ao menos a presente!), pela doutrinação systematica de alguns conhecimentos e alguns preconceitos compendiados, porque assim o digamos, codificados, que os mestres aprendem e transmittem.

A escola, como instrumento de renovação social é ainda tão somente uma esperança. E é mistér que se dispenda muito esforço, se a quizermos vêr transformada em realidade.

Com effeito, a sociedade e a civilização que vamos possuindo tem chegado a tal complexidade, que bem poucos são hoje os homens que alcançam comprehendel-as em toda a sua amplitude e em todas as suas projecções. Factos novos e novas forças estão a determinar transformações possivelmente essenciaes, em quasi todas as instituições em que repousa a vida humana.

Por força dessas circumstancias, vivemos em uma civilização em que, ao lado de uma cultura complexa, difficil de ser comprehendida e assimilada, ha um sem numero de tendencias, que a custo se podem definir com precisão, e de problemas, cujas soluções nem sequer estão ainda entrevistas. Ha mesmo toda uma série de questões que nem sabemos se chegarão a ser resolvidas.

Se a escola tem de corresponder aos deveres antigos de conduzir os homens á participação nessa cultura, nessa civilização e, mais dô que isso, aos deveres novos de o preparar para guiar a sua propria renovação, — bem podemos vêr como deve ser profunda e corajosa a reconstrução por que essa escola tem de passar.

Uma comprehensão clara e effizaz da cultura contemporanea não poderá ser obtida sem uma ampla formação scientifica e social. Não será nos curtos annos de uma escola primaria, nem com o professorado a que habitualmente entregam as nações as suas crianças, que se poderão transmittir os conceitos e generalizações que fundamentam a vida moderna, nem, muito meos, a comprehensão das tendencias multiplas e variadas a que ella váe obedecendo, nem ainda os dados essenciaes dos problemas em que se debate.

Todos aquelles conceitos, generalizações, tendencias e problemas só agora começam a emergir, mais nitidos e claros, de grandes syntheses que se vão tentando de nossa cultura e de intrepidas analyses de factos e objectivos. Preparar o professor para comprehendel-os bem, e para os analysar, afim de que acompanhe a evolução humana, não é tarefa simples, nem de facil execução. Que dizer, pois, de preparar a escola — a escola para todos, — pondo-a em efficiencia, integrada na mesma finalidade?

Como nos parece distante, á vista disso, a pequenina escola de outros tempos, transmittindo technicas rudimentares e conhecimentos de dez, vinte e até cinquenta annos atrás, a um pequeno grupo seleccionado de alumnos, que confundiam o socego das suas tradições e do seu passadismo com a serenidade do proprio saber?

A escola de hoje viu, de repente, as suas classes invadidas por *todas* as crianças, ao envez do pequeno punhado de favorecidos ou escolhidos, que outróra a frequentava.

Mais. Não se lhe pedem somente as technicas e os conhecimentos atrasados ou simplistas. Pede-se-lhe tambem a transmissão das ultimas conquistas da sciencia e da cultura, em cujo alheamento é impossivel viver. E mais ainda. Não somente lhe exigem conhecimentos adquiridos, até os ultimos. Exigem-se, outrosim, informação de tendencias indefinidas e problemas convertidos ainda sem solução. E o estudante não ha de sahir apenas adextrado e efficiente no seu trabalho, mas de intelligencia aguçada e alerta, comprehendendo os segredos e incertezas de um mundo complexo e mutavel, accessivel á sympathia e á tolerancia para com as tendencias mais oppostas, sentindo que a vida evolve um pouco pelo seu esforço proprio de melhor comprehendêr e melhor agir, capaz emfim de concorrer para o enriquecimento e o progresso da existencia humana.

E' muito, dirão todos. Isso não será possível, nem realizavel. Em vez de bachareis, queremos pedir á escola a formação, em serie, de pequeninos Socrates.

E' verdade! Nada meos do que isso. E só assim a escola cumprirá as suas funcções. E só assim a escola poderá fazer, ella, a Revolução, antès que a façam na rua e sem saber como.

E para que isso realize trabalham exercitos de paz maiores que os exercitos de guerra: os exercitos de professores e de educadores de todo o mundo.

Dê-m-lhes os elementos de cultura, de estudo e de recursos, e esses exercitos irão tentar a renovação da humanidade, a grande aventura de democracia, que ainda não foi tentada.

Elles têm a longa e iluminada convivência das crianças. Elles sabem as reservas de frescura que enchem os corações e as intelligencias dessas crianças. Elles vivem em contacto com ellas, que são o objecto mais digno de amor e da dedicação humana. Dedicaram a sua vida ao esforço mais progressivo da humanidade — o da cultura e do saber — e se empenharam na tarefa mais grandiosa que é possível — a de formar homens. Elles (esses exercitos) têm, pois, razões de crêr, de lutar e de esperar.

E, mais que tudo, isso, elles trabalham em um ambiente onde tudo está crescendo. E onde tudo está crescendo, como disse ha longos annos, Horace MANN, um formador vale mil reformadores.